

5/ 2-11-80

Garimpo pode paralisar programa agropecuário

A descoberta de ouro na propriedade da Companhia de Terras da Mata Geral, no sul do Pará, poderá impedir o desenvolvimento de um amplo programa agro-pastoril: ela provocou a invasão de garimpeiros, em terras onde há mais de 20 mil cabeças de gado, cinco mil alqueires de pastagens, plantação de café e cacau. Agora, diante da possibilidade de paralisar as atividades de uma de suas fazendas, a Companhia "confia na ação das autoridades, para que isso não aconteça".

Em abril, as terras foram ocupadas por garimpeiros,

sob o comando de Felipe Simão Pereira, depois de já terem sido requeridas ao Ministério das Minas e Energia para pesquisa e exploração do terreno. A direção da Companhia de Terras da Mata Geral, que fica nos contrafortes da Serra dos Gradaús, pediu auxílio à polícia local que, por sua vez, instaurou inquérito para apurar a responsabilidade de Felipe Simão. Ele é acusado de ter comandado um ataque a um destacamento da Polícia Militar, na divisa da fazenda Santa Tereza, sede da Companhia da Mata Geral.

Segundo João Lanari do Val, presidente da Companhia, é fácil relacionar os principais aspectos negativos da invasão dos garimpeiros: aumento do comércio de ouro (muitas vezes, o metal é levado para Santarém e, de lá, transportado, na clandestinidade, para a Venezuela), falta de mão-de-obra nas fazendas vizinhas e perigo de conflito com os índios. Perto da propriedade está localizada a reserva dos índios gorotire, que encontraram dificuldade de alimentação, depois que os garimpeiros mataram grande quantidade de animais de caça.

Polícia já prevê um conflito com os índios

A proximidade de índios e garimpeiros pode provocar um conflito, pois ambos desconhecem os limites legais das terras, onde estão instalados. Essa é a opinião do delegado de polícia José Maria Pereira, um policial com muita experiência no assunto. Não se sabe, com exatidão, o número de garimpeiros que estão na propriedade da Companhia de Terras da Mata Geral.

Do total, um grande número é formado por pessoas que não exercem a atividade de garimpeiro, mas que vivem em função do garimpo. São os vendedores de bebidas alcoólicas, alimentos e até armas e munições. Há os que afirmam que cada garimpeiro "sustenta", em média, cinco "mascates".

Muitos desses "mascates" são apontados como intermediários, vinculados a Felipe Simão Pereira e outros líderes de garimpeiros. Seu objetivo: vender, sempre, alimentos e mercadorias aos garimpeiros, por um preço mais elevado. Em troca, eles obtêm ouro em quantidade, por um preço inferior ao de mercado.

Há informações de que um quilo de arroz, por exemplo, é vendido ao garimpeiro por Cr\$ 350,00, uma garrafa de pinga, por Cr\$ 500,00, e cada refrigerante, por Cr\$ 250,00. Isso será comprovado pelo inquérito policial, em andamento, e, possivelmente, por investigações que a Coletoria Federal irá realizar, com auxílio do Departamento de Polícia Federal.

A única alternativa da Companhia de Terras da Mata Geral foi recorrer à polícia. Os primeiros contatos foram rápidos e eficientes. Em um deles, o delegado de polícia, José Pereira, enviou um ofício, na semana passada, ao comandante do Destacamento da Força Aérea Brasileira em Conceição do Araguaia, relatando as dificuldades em que se encontra a empresa diante dos invasores:

— A mesma empresa denunciante comunica o fato de esse senhor Felipe Simão Pereira (um dos líderes dos invasores) manter garimpeiros sob seu comando, na região do Cumaru — Grota Rica —, os quais são abastecidos por aeronaves de pequeno porte, de sua propriedade e de diversos outros, que em vôos, sem as condições de segurança recomendadas, jogam volumes recolhidos por referidos garimpeiros.

E continua: "Em face da ousadia do grupo liderado pelo senhor Felipe Simão Pereira, em ter enfrentado a bala o destacamento citado (da Polícia Militar), ocorre-nos a hipótese de que esses vôos possam estar servindo para abastecer, de munição e armas de fogo, o grupo de garimpeiros que recebe tais volumes. Diante disto, solicitamos a cooperação no sentido de informar o prefixo, os nomes dos proprietários e dos pilotos dessas aeronaves, que estão baseados no povoado de Redenção, neste município."

O delegado José Pereira também enviou um ofício ao secretário da Segurança Pública do Pará, lembrando que os "fatos se revertem da mais alta gravidade, por envolver luta armada entre um grupo de pessoas lideradas pelo cidadão Felipe Simão Pereira, residente no povoado de Redenção, neste município, e o destacamento da Polícia Militar, sediado no local conhecido por fazenda Santa Tereza (sede da Companhia de Terras da Mata Geral)".

Mais adiante, José Pereira diz que "preocupa-se esta delegacia que face à tensão existente no local, conflitos de maiores proporções possam surgir durante as investigações que se fazem necessárias para o término do inquérito hora instaurado, incluindo a grave hipótese levantada pelo requerente (a empresa presidida por João Lanari do Val) quanto a possível conflito dos garimpeiros com os índios Gorotire".

Felipe Simão, segundo os que o conhecem, esteve estabelecido no garimpo de cassiterita, em São Raimundo, no município de São Félix do Xingu. E, por intermédio da empresa Speng, da qual era sócio, comprava minérios de estanho e entregava-os a uma empresa multinacional, segundo as denúncias.

Atualmente, a esperança de João Lanari do Val é que o ouro existente na fazenda venha a ser extraído por meio da implantação de "lavra racional". Esse também é o desejo das autoridades da área de segurança e do Ministério de Minas e Energia. Os diretores da Companhia de Terras da Mata Geral já estão em contato com a empresa de mineração Parapanema para a exploração do ouro.